

# COMMERCIAL.

I ANNO.

NUMERO 10.

PROPRIEDADE DE — R. J. S. A. LOEÃO & COMP.

SABBADO 1.º DE FEVE-

REIRO DE 1868.

Assignatura 75 por anno, 45 por 6 meses, e 2500 por 3 meses; com porte do correio 85, 55 e 30000.

## PARTE OFFICIAL.

### Ministerio da guerra.

Por decreto de 18 do corrente mez foram promovidos para differentes corpos e armas do exercito os officiaes e praças constantes da seguinte relação:

Relação dos officiaes, officiaes inferiores e cadetes promovidos para os differentes corpos e armas do exercito, e dos officiaes transferidos de uns para outros corpos e armas do mesmo exercito, a que se refere o decreto desta dacta.

(Continuação do n. 9.)

### Arma de artilharia.

#### 5.º batalhão.

Para 2.º tenentes os 2.º cadetes Pedro Maximo Barbosa, Manoel José dos Santos Barbosa, Fernando Augusto da Silva Veiga, Joaquim d'Oliveira Fernandes, os 1.º sargentos Francisco Luiz Campos Junior, João Nepomuceno da Cunha, os 2.º cadetes Antonio Faustino da Silva, Miguel Victor de Andrada Figueira, o 1.º dito Joaquim Bernardino Olyatto, o 2.º dito João Bento Abren, os 1.º ditos Bernardo Xavier Pinto de Souza e Pedro Ivo Velloso da Silveira, os 2.º ditos José Pereira da Graça Junior e Emygidio Cavalcanti de Mello, os 1.º ditos Francisco Clementino San-

tiago Dantas e Luiz Rabello de Vasconcellos, o sargento Antonio Pereira da Silva, o 1.º cadete José Candido dos Reis Montenegro, o sargento Frederico Rodrigues de Oliveira Vereza, o 2.º cadete Austreclino Vilarin, o 1.º dito Luiz Antonio da Costa Aguiar, o 2.º sargento Miguel Maria Girard, o 2.º sargento Carlos Clementino Carvalhaes, os 1.º sargentos Sebastião Ferreira Barboza e Miguel dos Santos Guimarães, o 2.º sargento João Manoel de Barros Rodrigues, o sargento-ajudante Manoel Aprigio de Souza Costa, o sargento quartel-mestre Virissimo Serrão Botelho, o 2.º sargento Antonio Serafim de Oliveira Mello, o sargento-ajudante Luiz Caetano de Almeida, o 1.º sargento João Pedro da Silva Affonso, o 2.º sargento Francisco José Cardoso, o 1.º sargento Luiz Antonio Schmit Pereira da Cunha, o 2.º sargento Luiz Gomes Caldeira de Andrade, o 1.º sargento Ildelfonso Pedro Nunes, o 2.º cadete Raimundo Rodrigues Bayma, o sargento-ajudante Affonso de Pinho de Castilho, os 1.º cadetes Joaquim Luiz Manoel de Jesus e João Barreto Picanço da Costa, o 2.º dito José Bernardino Bormann, o 1.º sargento Idalino F. Ferreira Villaça, os 2.º ditos A. F. Barboza, Antonio de Vasconcellos Jardim, o 1.º dito Augusto da Cunha Galvão, o 2.º dito Candido José de Medeiros, o 1.º sargento Joaquim Alvaro Pereira, o 2.º cadete Raymundo Perdigão de Oliveira, os 1.º ditos Euzébio Speridião de Nogueiros Sayão Lobato

e Luiz Augusto Soares Woolff, os 2.º sargentos João de Medeiros Tarjani, João Filieiro dos Santos, Marciano Botelho de Magalhães e Pedro Mascarenhas Arôuca, os 1.º sargentos José Carlos Bruno Junior, Custodio Antonio dos Santos, Francisco Moreira da Rocha, Affonso Justiniano de Mello, o 2.º cadete Eloy Marinho Carneiro de Sá, o 1.º sargento Thomaz Pool Jorge Henriques, o sargento ajudante Joaquim José Coelho, os 2.º sargentos Pedro Ovidio Alves Picanço e João Carlos Lobo Botelho.

### Arma de Cavallaria

#### 1.º regimento.

Para tenente-coronel graduado: o major José Maria Barreto Falcão.

#### 3.º regimento.

Para tenente-coronel: o major Justiniano Sabino da Rocha, por serviços relevantes reconhecidos pelo general em chefe em seu officio de 9 de Dezembro de 1867.

Para major: o major José Lourenço Vieira Souto.

Para capitães: os tenentes José Mendes Jacques, para a 3.ª companhia, por estudos; Miguel Ribeiro de Moraes, para a 8.ª companhia, por estudos.

#### 2.º corpo de caçadores a cavallo.

Para major: o major Izidoro Fernandes de Oliveira.

Para capitão: o tenente Joaquim José Baptista, para a 2.ª companhia.

### FOLHETIM DO COMMERCIAL.

## ROGERIO

OU

### A FIDELIDADE DO BRETÃO.

HISTORIA DO SEculo XII.

POR

ABEL MAURICIO.

TRADUZIDA

Por

José Ramos Junior.

### INTRODUÇÃO.

Ricardo, livre do captiveiro em que o tinham o imperador da Allemanha e o duque da Austria, seus mais mortaes inimigos, chegou a Inglaterra, venceu seu irmão, e privou-o de todas as suas propriedades.

Mas apenas restituiu elle a paz aos seus Estados, voltou logo suas vistas para a Bretanha, cuja posse elle ambicionava.

E para que o seu projecto tivesse um bom exito, julgou então dever apoderar-se de Constança e de seu filho. Escreveu, pois, á duqueza e pediu-lhe muito cortezmente

que viesse á Bayeux, a fim de tratar com elle alguns negocios de summa importancia.

A pobre senhora não suspeitando se quer a trahição, que lhe armavão, partio; mas chegando ao lugar designado, achou-se prisioneira do conde de Chester, seu antigo esposo. Raulpho conduzio-a ao castello de Saint-James de-Beuvrons, e pô-la sob a guarda do seu alliado, o Senhor Ascot de Raiz.

Este attentado espalhou a consternação em toda a Bretanha: os fidalgos enviarão á duqueza o Seneschal (\*) de Rennes; para oferecer-lhe todos os socorros que ella podesse necessitar de subditos leaes e fieis. Constança mostrou uma grandeza d'alma superior ao seu sexo. A trahição de que tinha sido victima, e os ultrages com que a opprimião, não poderão abalar sua firmeza. Esquecendo-se de si mesma, só pensava em seu filho, resignada a tudo soffrer, com tanto que a pessoa de Arthur fosse salva. Pedio sobre tudo aos barões que conservassem o menino sob suas vistas; por que intentarião roubar-lhe, e que o occultassem cuidadosamente, como amigos, bons subditos e parentes, que erão.

Quanto á mim, acrescentou ella, seja o que Deos quiser; aconteça o que acontecer, sempre estarei contente em quanto souber que Arthur está em segurança sob a guarda de tão bons subditos.

A vista da leitura desta admiravel resposta, todos os fidalgos verterão lagrimas de ternura.

— Prestarão o juramento sagrado de defender até á morte a causa do joven principe, e ao mesmo tempo exigirão d'elle a promessa de nunca tratar com Ricardo sem o seu consentimento.

Confiarão-n'o em seguida ao Senhor de Vitre, cuja prudencia, sangue frio e lealdade tinham feito julgar o mais digno desta nobre missão; e como Ricardo se dispunha já á avançar sobre Rennes, o Senhor de Vitre levou consigo o menino, sem que pessoa alguma soubesse para que lado se tinha dirigido.

### O CASTELLO-BRANCO.

Algumas legoas ao sul de Ploermel, via-se, no fim do XII seculo, uma habitação conhecida pelo nome de Castello-Branco; ainda que sua cor sombria e sua construcção pouco elegante a fizessem assemelhar antes á uma herdade do que á uma habitação de grão-Senhor. Era cercada de um muro muito alto que occultava todas as entradas, e, no meio, elevava-se uma torre cuja planta-forma dominava todos os arredores. De um lado ficavão os campos; do outro, uma floresta espessa, uma parte da qual estava junta ao castello por um fosso largo e profundo que o isolava inteiramente.

O muro que o cercava só offerecia uma entrada, e esta mesma era bastecida de uma ponte levadiça, que desde algum tempo só se abaixava muito raramente; mas sabia-se que havia um subterraneo que communicava com a parte mais remota da floresta.

Quando os camponezes dos arredores vinhão trazer viveres aos habitantes do castello aos quaes erão já conhecidos, deixavão-n'os entrar sómente até o primeiro pateo; quanto aos estrangeiros que pedião hospitalidade, advertia-se então ao dono da casa, que, ordinariamente, vinha em pessoa reconhecer os visitantes.

Estas precauções e o mysterio que as envolvia nada tinham de extraordinario n'estes tempos de agitações politicas em que era preciso estar continuamente alerta! mas o que admirava, era ter o proprietario do Castello-Branco vindo ali estabelecer o seu domicilio depois de tê-lo deixado por muitos annos em um completo abandono.

E quando, sobre este assumpto, se interrogava o velho Mathias, que exercia ao mesmo tempo as funções de mordomo e de intendente, respondia invariavelmente q' seu amo não ficaria por muito tempo no paiz, que tinha vindo pôr o edificio em estado de defender-se no caso provavel em que o rei d'Inglaterra invadisse a Bretanha; e esta explicação satisfazia aos bons camponezes.

(Continua.)

3.º *corpo de caçadores a cavallo.*

Para capitão: o tenente Dionysio Amor; para o 4.ª companhia.

4.º *corpo de caçadores a cavallo.*

Para capitães: os tenentes Pedro Antonio Dias, para a 3.ª companhia; José Dias da Costa, para a 4.ª dita; João Bonifacio de Camargo, para a 6.ª dita.

5.º *corpo de caçadores a cavallo.*

Para tenente-coronel: o major Luiz Joaquim de Sá Brito, por serviços relevantes reconhecidos pelo general em chefe, em officio de 9 de Dezembro de 1867.

Para capitães: os tenentes Ignacio João Monjardim de Andrade e Almeida, para a 4.ª companhia; Pedro José Cardoso, para a 5.ª dita; Luiz José da Fonseca Ramos, para a 6.ª dita; por estudos.

Para tenentes d'arma: os alferes Albino Justinano Barbosa de Lima, João Clemente Vieira Souto, Benjamim Pereira Monteiro, José Ignacio Pires Fortuna, Manoel José Pereira, Manoel Rodrigues Bemfica, Patricio da Costa Nunes, Antonio Delphim Leite de Cerqueira, Ignacio José da Silva Azevedo, Francisco de Castro Canto e Mello, Francisco Geraldo de Andrade Vasconcellos, Leopoldino Silveira da Fontoura, José Joaquim Ferreira Junior.

Para alferes: o 2.º cadete sargento-ajudante Antonio Leite Brazil, o 2.º cadete 1.º sargento Manoel da Silva Bueno Eilho, o 1.º cadete Bento Gonçalves da Silva Filho, o particular sargento-ajudante Carlos Pedroso Lenis, o sargento-ajudante Camille Martins Baptista, o 1.º cadete 1.º sargento José Luiz Cabral da Silveira da Cunha Godolphim, o 1.º cadete 1.º sargento Augusto Vieira Rodrigues, o particular 1.º sargento Antonio José Fernandes Lima, o 2.º cadete 2.º sargento Joaquim Barreto da Gama Lobo Pitta, o 1.º cadete José Christino Pinheiro Bittencourt, o 1.º cadete 2.º sargento Lopo de Almeida Henrique Botelho e Mello Junior, o 2.º cadete sargento-ajudante Francisco Francelino de Lima Peres o 1.º sargento Manoel Ambrosio de Camargo, o 2.º cadete 1.º sargento Frazão Gomes de Carvalho, o 2.º sargento Avelino Pinto, o 1.º cadete 2.º sargento José Pinto da Fontoura Menna Barreto, o 2.º dito sargento-ajudante Manoel Rodrigues Gomes de Carvalho, o sargento quartel-mestre Braulio de Oliveira Brandão, o 2.º cadete 1.º sargento José Bernardo da Gama Ferreira Laborão, o 1.º cadete 2.º sargento José Damasceno Rosado, o 2.º dito José Venancio de Santiago, o 2.º sargento Luis da Mota Ribeiro o 2.º cadete 2.º sargento Joaquim Victorino Maciel, os 1.º cadetes 2.º sargentos Victor José de Figueiredo Neves, Olympio Gervasio de Freitas Leite e João de Almeida Santos Velho, o 2.º cadete José Joaquim de Aguiar Corrêa, o 2.º cadete sargento-ajudante David Antonio de Oliveira, o sargento quartel-mestre João Ignacio de Carvalho, o 2.º cadete 1.º sargento José Victorino de Oliveira Moura, o 2.º dito Trajano de Menezes Car-

dosu, o 1.º sargento Fernando da Gama Lobo d'Eça, o dito Antonio Machado dos Santos, o 2.º sargento Amancio Fagundes de Freitas, o dito Julio Alves Chaves, o dito João Manoel Menna Barreto Filho, o dito Carlos Gamino, 2.º cadete sargento-ajudante Florisbello d'Avila Leivas, o sargento quartel-mestre José Ignacio Ribeiro, o 2.º sargento Innocencio Gomes de Oliveira, o 2.º cadete 2.º sargento Theophilo Alves de Menezes, os ditos dito J. A. de Alencastro, José Hermenegildo Monteiro Albuquerque, o 2.º sargento Florencio Pereira Garcia, os 2.º ditos Serafim M. da Rocha, José Leite Ribeiro, Candido Rodrigues de Oliveira, Manoel Dutra Fialho, e José Raimundo Leite, o particular 1.º sargento Antonio Cesar Martins, o 2.º cadete 1.º sargento Acacio J. C. de Brito, o 2.º sargento João Faria de Oliveira Lima, o 2.º cadete 2.º sargento Carlos de Oliveira Soares, o 2.º cadete Amaro Franciseo de Moura.

**Arma de infantaria.**1.º *batalhão.*

Para major: o capitão Antonio Joaquim Bacellar, por merecimento.

Para capitão: o tenente João Pedro Xavier da Camara, para a 4.ª companhia, por estudos.

2.º *batalhão.*

Para tenente-coronel commandante: o major José Ferreira de Azevedo Junior, por actos de bravura reconhecidos pelo general em chefe nas suas ordens do dia ns. 152 e 153.

Para major: o capitão Affonso José de Almeida Côrte-Real, por merecimento.

Para capitães: os tenentes Joaquim Mariano de Siqueira, para a 2.ª companhia, por estudos; Jacintho Augusto da Cunha Rocha, para a 5.ª companhia, por estudos; Bilisario Olympio de Carvalho, para a 6.ª companhia, por estudos.

( *Continúa.* )**NOTICIARIO.**

—**Procissão da Senhora do Desterro.**—Amanhã se o tempo der lugar sahirá a procissão da Senhora do Desterro.

—**Para Montevidéo.**—Obtiverão sahida para Montevidéo os transportes *Galgo*, *Presidente* e *S. José*, que em consequencia do máo tempo se achavão retidos em nosso porto.

—**Do Rio de Janeiro.**—Dessa procedencia chegou na tarde de quinta feira a canhoneira de guerra *Araguary*, que tendo ido á sorte fazer alguns concertos, regressa agora á esquadra.

—**A verdade.**—Que cousa é a verdade? Perguntou uma vez um homem que escreveu um livro em fórma de dictionario.

Desgraçadamente não o sabemos, respondeu o mesmo autor, porque a quem nol-o podia ter dito, não se deu lugar para dizer.

Quando Christo estava diante de Pilatos, disse-lhe:

—Eu sou a verdade.

—E que é a verdade? lhe replicou Pilatos.

Mas ao mesmo tempo, sem esperar pela resposta, voltou-se para o outro lado, foi dar treguas a outra freguezia, como se costuma dizer, e esqueceu-se completamente da pergunta que tinha feito.

Assim pela estúpida leviandade de Pilatos, diz judiciosamente o referido autor, ficou privado o genero humano de saber o que é a verdade. Mal haja a memoria do tal Sr. governador romano, *Poncio Pilatos*, que pela falta e imperduavel indiscripção que cometteu, é cauza de que seja considerado como heresia em Roma o que é dogma de fé religiosa em Londres, e o que é dogma de fé politica em Pariz, seja uma heresia em S. Petresburgo.

Mal haja *Poncio Pilatos*, repetimos, porque por sua cauza anda tanta gente no Brazil continuamente a quebrar a cabeça e a matar-se, sem poder achar o verdadeiro caminho da salvação de patria!

—**O seu a seu dono.**— Havendo o Sr. rei D. José ordenado, que nos regimentos de artilharia se déssem os postos aos officiaes applicados, e devendo o commandante de um dos referidos regimentos fazer uma proposta para os que se achavão vagos, o official que a estava escrevendo lembrou um dos cunhados do commandante para ser proposto em capitão, depois tornou-lhe a a lembrar para ajudante: o chefe respondeu:

—Sua magestade ordena-me, que proponha os officiaes pelo merecimento, e não pelo parentesco; posso dar a meu cunhado o que for meu, mas não o que pertence aos applicados.

—**Prós e contras.**— O lavrador deve ser como o gallo, que desperta antes que nasça o sol; mas não deve ser como o gallo, que só come e nunca semeia.

A professora de meninas deve ser como a abélha mestra, que adextra as suas discipulas; mas não deve ser como a abélha mestra, que deixa os zangões penetrar na colméia

O pai deve ser como o pombo, que ajuda a sua companheira a crear os filhos; mas não deve ser como o pombo, que se deixa ficar no ninho, como se fosse ama de leite.

A mãe de familia deve ser previdente como a formiga, que ajunta de verão para o inverno; mas não deve ser como a formiga, acarretadeira de tudo quanto ha para sua casa.

O padre deve ser como o louva-deos, sempre voltado de mãos postas para o céo; mas não deve ser como o louva-deos, que se torna ridiculo com os seus movimentos caricatos.

A viuva deve ser como a rola, que se mostra saudosa de seu amante; mas não deve ser como a rola a lastimar-se sempre e importunamente aqui e alli, incommodando a todos que ouvem os seus tristes gemidos.

O menino deve ser como o macaco, que faz tudo quanto vê fazer; mas não deve ser como o macaco, que tambem imitta os gestos ridiculos e máos.

A virgem deve ser como a estrella, que brilha no céu para nosso encanto; mas não deve ser como a estrella, que se despenha do céu e se apaga na terra.

O jornalista deve ser como a largata, que vive das folhas; mas não deve ser como a largata que só produz seda.

A mulher deve ser como a andorinha, que esvoaça sempre junto do seu ninho; mas não deve ser como a andorinha, que viaja de paiz em paiz, abandonando os seus velhos ninhos, e com elles a sua patria e a de seus filhos.

O musico deve ser como o gallo, que nunca deixa de cantar; mas não deve ser como o gallo, que briga com os outros gallos.

A actriz deve ser como o papagaio, que só falla o que se lhe ensina; mas não deve ser como o papagaio, que falla tudo quanto ouve fallar.

O militar deve ser como o leão, forte entre os fortes e generoso entre os pequenos; mas não deve ser como o leão, que sacia a sua sede no sangue de seus inimigos.

O bemfeitor deve ser como o vento, que passa sem ser visto, não deixando contudo de ser sentido, mas não deve ser como o vento, que faz estragos por onde passa.

A mulher deve ser como a cigarra, que canta para se distrahir, mas não deve ser como a cigarra, que não sabe fazer mais do que isso.

O pobre deve ser agradecido como o cão, que beija a mão que o afaga; mas não deve ser como o cão, que ladra a quem lhe não dá pão.

A senhora-moça deve ser como os anjos, que, tendo olhos, não vêm senão o que é bom; mas não deve ser como os anjos, que não sabem o que é amor.

O empregado publico deve ser como o kagado, sempre mettido comsigo mesmo, mas não deve ser como o kagado que, tendo as pernas tortas, quer andar de botas.

A amante deve ser como o demonio, que sabe tentar sem se arriscar, mas não deve ser como o demonio, que busca perder o homem.

## PUBLICAÇÕES SOLLICITADAS.

### A' Zizina.

Virgem formosa de prazer cercada,  
Visão dourada de meu casto amor;  
Teus olhos bellos dão-me vida ao peito,  
Abrandão magoas de calada dor.

Tu és a estrella que me segue os passos  
N'esta vereda tão floral de amor!  
Tu és a hastea que sustens as flores  
Desta minh'alma succumbindo á dor!

Tu és a virgem dos meos sonhos, linda,  
E's minha vida meo praser sem fim!  
Ah! quem pudesse te fallar de amôres,  
Dizer-te eu amo—ai! meu seraphim!

Anjo querido de formosas formas,  
Eu sou teu bem, o teu cantor gemente;  
Da-me, eu te peço um sorriso ao menos,  
Que diga amor,—e viverei contentel!

M. Pereira de Souza.

### A' Mimi.

Quando te vejo á janella,  
Moreninha, moreninha  
De abertas tranças caídas  
Te acho mais bonitinha...

Meu peito de amor suspira,  
Sorriem os olhos—Santinha.

Moreninha, moreninha  
Quando te vejo ao luar,  
Meu estro geme, soluça,  
Soluça—mas quer cantar  
Teus encantos, olhos pretos,  
Olhos pretos á brincar...

Os teus olhos pretos, pretos  
Scintillão fogo de amor...  
O teu sorrizo tem graça,  
Tem perfume como a flor,  
Moreninha, moreninha  
Sou teu bem, teu trovador!

Porque me viras teu rosto  
Quando ahí passo á tardinha?  
E's tão má! não tens piedade  
Do pobre bardo—Santinha,  
Eu te amo tanto e tanto!  
Moreninha, moreninha!

Porque te escondes, porque?  
Quando me avistas além?  
Eu cá sei! Sou muito feio!  
Não me queres p'ra teu bem!

Tem dó de mim, moreninha  
Dar-me vida ao peito, vem!

Não sentes pulsar no peito  
As fibras do coração?

Não te aqueces nesse fogo  
De tanto amor e paixão?  
E's de ferro! não tens alma  
Ah! tem de mim—compaixão.

Não tens dó da flor que chora  
Já pendida para o chão,  
Sem amigos, sem amantes  
Que lhe rendão adoração?  
Assim sou eu! gemo e choro  
Neste mundo de afflicção!

Moreninha, não, não-queiras  
Que viva triste na terra...  
Da-me alimento preciso  
Minha vida em ti se encerra...

De teus labios quero risos...  
Quero amor—! despreza a guerra!

Si não te vejo um minuto  
Começa o peito á chorar...  
E' um batel minha vida  
Cortando as'aguas do mar.  
Moreninha, moreninha  
Tu não me queres amar?

Ingrata—tu não traduzes  
Nos meus olhares—amor?  
Não fazes cazo das magoas  
Do solitario cantor!  
Sou infeliz! desprezado  
Do jardim a morta flôr!

Porque vives tão tristonha,  
Scismas em scismas de amor?  
Ou tens saudades dos sonhos  
Dos sonhos todos de flôr!  
Eu sei! tu pensas no joven  
Que o peito encheu-se de dor!

Tem paciencia—despreza  
Essa frustada illuzão...  
Ha um poema de enredo  
No teu triste coração,  
Aquecido pelo fogo  
Da mais cruenta paixão!

Não é segredo—bem sabes...  
Queres! te conto no ouvido...  
Lá vai tudo em pratos limpos,  
Silencio! toma sentido!  
Não te lembrás das novenas  
Do teu mimoso cupido?

Não, não quero que tu fiques  
Zangada comigo—não!  
Tu bem sabes que te amo  
Como transporte de paixão,  
E tu não queres me dar  
Teu de ferro coração!

MARTINS COSTA.

### Lá vai obra.

Tendo lido o « Commercial » de 25, e o ultimo de 29 do corrente, nelles tenho visto artigos contra a Illm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Verginia, que talvez o respeitavel publico, (isto é parte do publico) creia ser exacto o que estes artiguinhos dizem. Mas eu sustento que é falso, tudo quanto dizem esses « artiguinhos », dessa Senhora!

Principiarei por desmascarar o Senhor da « Felicitação » que sahio no ultimo n. deste jornal. Então diz o Senhor que « As suas macaquices inspirou sympathia, sendo obsequiada pelo—unico admirador—muito amado, com uma —Camelia— a qual foi com toda a delicadeza collocada no peito! Que felicidade! » Porém fique o respeitavel publico sabendo, que é mentira deste homem calumniador!!!

E repito ainda, calumniador! porque esse « unico admirador » que diz, nunca se achou onde essa Sr.<sup>a</sup> cantasse e executasse na trombeta variações de sua composição como diz; e nem tão pouco esse « unico admirador » offereceu-lhe « Camelia » alguma!!

Por tanto é muito ridiculo vir um homem á imprensa escrever mentiras! e mentiras iguaes a estas!..

Aconselha-a tambem para que não perca essa amizade que para o futuro promete ser de elevada utilidade!

Esse unico admirador não perde e nem perderá a amizade com esta actriz, porque tem consciencia do que faz; e tambem porque vê a guerra mesquinha e infame que fazem a essa actriz, pelo simples facto, della saber-se comportar, pois que desgraçadamente o Sr. e outros só querem que venha uma actriz para aqui (em dois sentidos!.)

O Sr. diz que a « franquessa dessa Sr.<sup>a</sup> chegou a ponto tal, que teve o arrojo de chamar canalhas, a « platéa » mais lembre-se bem que não foi a platéa inteira e sim aos que disfeitiarão-na; porque não podendo obterem o que desejavão, lançarão mão de uma vingança assaz triste! Seria melhor que o Sr. da « Felicitação » não ameaçasse ajuste de contas (vingança mais miseravel) no beneficio dessa Sr.<sup>a</sup> porque não tem razão, visto não ter ido senão a um ou dois espectaculos, portanto essa companhia não está na sua dependencia!

Agora se é que tem costume de escrever em todos os jornaes da capital, fallando da vida de todos, então dou-lhe o seguinte conselho « não metta a mão muitas vezes na cumbuca. »

Pergunta o Sr. se ella conhece « aquelle cavalheiro que tributou-lhe considerações acolhendo-a sobre o mesmo tecto sem lucro pecuniario? Conheço-o perfeitamente! E' aquelle a quem o Sr. ha tempos fez um agradecimento no « Mercantil, » pelo bom tratamento que recebeu no seu hotel, assignado « um passageiro » (se não me enganou foi esta a assignatura) e que nesse mesmo dia disse ser um rebencasso a esse Sr.!

Lembra-se disso meu amigo?!  
Se o Sr. não estava informado no que diz « sem lucro pecuniario » para que escreveu cousas que não sabe?!..

Que miseria! Parece incrível que o Sr. sendo como diz a favor desta empresa, proceda de uma maneira tão triste.

Como hoje tenho mais 5 minutos de tempo, quero aproveitar para fazer estas duas linhas em resposta a « Theatrologia » sahida no n. 8 deste jornal. O Sr. interessantissimo, amabilissimo, amorosissimo, apaixonadissimo, affectadissimo « Felicissimo » que diz « Sinhaverginia dos amores murchos, foi vista e admirada pelos amadores do ridiculo em certo jardim n'uma noite de luar, cantando ao som do rufar de tambores & c., para que hade mentir Sr. « Felicissimo » obrigando-me a desmascara-lo pela imprensa?! Aonde é este jardim em que estava esta Sr.<sup>a</sup> n'uma noite de luar, cantando ao som do rufar de tambores?!..

Pois não lhe peza a consciencia em mentir, e querer descreditar esta Sra. que nunca deu motivo para o Sr. a descreditar ll.

Quando, foi mentirozo atrevido, que viu comparecerem espectadores estasiados em praseres, e que a saudarão com palmas, boquets, vivas, repiques de sinos e foguetes?

Para que hade pregar mentiras destas que não é capaz de sustentar?!.

Não vê que assim não terão mais valor os seus artigos l. Ah! meu amiguinho (pela frente como se chama) eu lhe conheço tão bem como as palmas das minhas mãos, e seria bom que não fizesse outra « Theatrologia l., »

Por hoje aqui fico; fazendo tão sómente vêr ao respeitavel publico, que as accusações feitas a esta atriz são falsas!

K.

**Cantico da moreninha.**

Eu sou essa meiga virgem,  
Por quem vive o trovador,  
Dedilhando a sua lyra,  
Protestando o seu—amôr.

Eu vivo feliz,  
Eu sou venturoza,  
Pois tenho perfumes.  
Mais ternos que a roza!

Eu sou como a estrella.  
Que brilha louçã,  
Gentil, graciosa,  
No albôr da manhã?

Sou linda e pura  
Como os amôres:  
Encerro, n'alma,  
Castos primores.

Para commigo,  
Terna esmerou-se,  
E disvellou-se.  
A natureza:  
Deu-me belleza,  
Almas primôres....  
Fez-me formosa,  
Pura, mimosa,  
Qual uma Estrella,  
De luz singela,  
Radiante, e bella,  
N'um céu de amôres!

O meu rosto encantador,  
Minha boquinha mimosa,  
Meus cabellos de azeviche,  
Me dão graça.... sou formosa.

Eu, entre as mais bellas,  
Sou nobre rainha;  
Por isso me chamão;  
—Gentil moreninha!

Sou doce, sou pura,  
Sou bella, divina,  
Formosa menina,  
Fadada por Deos!  
Pois tenho, no rosto,  
Talhado com gosto,  
Belleza e ternura....  
E, n'alma, a pureza,  
No peito a firmeza,  
Na voz a doçura,  
No rizo a candura,  
Dos anjos dos céos!

Que fada tão meiga,  
Galante que sou!  
Sim, outra mais linda,  
Jámais se encontrou!  
Meus olhos fulgem,  
Como as Estrellas,  
No firmamento,  
Em noites bellas!

Eu reúno, no meu todo,  
Ternas graças com primor:  
Sou o typo da belleza,  
Encantos do trovador.

Nada me iguala.  
No brilho, ou na côr:  
Sou virgem, ditoza,  
Votada ao amôr.  
Sou um Archanjo  
D'aereo sonho,  
Bello, fagueiro,  
Gentil, risonho.

Nada invejo n'este mundo,  
N'este mundo de illusão:  
Eu só quero, d'um poeta,  
Possuir o coração.

Almeno me disse,  
Um dia á cantar;  
«—Morena, morena,  
Te juro adorar!»

Em troca deilhe  
D'almo pudor,  
Um lèdo rizo,  
Que diz—amôr.

Surrindo, a vida,  
Eu vou passando;  
N'ella prazeres,  
Sempre gozando.

Sempre adorada  
Do trovador,  
Nada mais quero,  
Que o seu amôr.

Por que é sensivel,  
Meu puro e santo,  
O amôr do bardo,  
Meu doce encanto!  
Das brancas rosas,  
Meigos olôres,  
Não são mais bellos  
Que os meus amôres!

Meu canto, escuta,  
Louro pastor;  
Cerre á meus braços,  
Oh! trovador.

Sim, vem, oh! vem,  
Terno cantor;  
Abraça o anjo  
De teu amôr.

Eu, d'outros, não quero,  
Carinhos, louvôr;  
Só quero os d'Almeno,  
Que é meu trovador.

Carolino.

**COMMERCIO.**

**PAUTA SEMANAL.**

Preços dos generos sujeitos a direitos de exportação.

Semana de 27 a 1.º de Fevereiro de 1868.

Agoardente	Canada	500
Algodão em caroço	Arroba	42800
Amendoim com casca	Alqueire	12000
Arroz com casca	»	12400
Dito pillado	Sacco	102000
Assucar branco	Arroba	52000

Mascavo	»	22000
Refinado	»	5212
Batatas alimenticias	Alqueire	12500
Café chumbado	Arroba	72000
Em casquinha	»	52900
Casca grossa	Sacco	82000
Pó	Libra	500
Cal	Moio	252000
Couros de boi secos	Libra	220
Salgados	»	100
Farinha de mandioca	Alqueire	12120
Dita de milho	»	12280
Feijão	»	12920
Fumo em folha bom	Arroba	62000
« Ordinario	»	42800
Gissaras inteiras	Uma	800
Matte ou erva matte	Arroba	22100
Mél ou melaço	Canada	360
Milho em grão	Alqueire	22000
«	Mãos	560
Polvilho ou gomma	Alqueire	22750
Prânzões de ariribá	»	»
até 20 palmos	Duzia	302000
« Para mais, idem	»	402000
« Sedro ate 20 palmos	»	262000
« Para mais	»	302000
Canella preta e paroba	»	»
até 20 palmos	»	162000
« Para mais	»	202000
Guaruba até 20 palmos	»	132000
« Para mais	»	162000
Oleo até 20 palmos	»	112000
« Para mais	»	152000
Portadas de qualquer	»	»
madeira	Uma	52000
Ripas de gissara	Cento	32000

**MOVIMENTO DO PORTO.**

**Entradas**

Newcastle—77 dias, patacho prussiano «Johanna» Capitão H. Rottgers, carga carvão para o governo. Consignado a C. J. Watson.

Rio de Janeiro.—Canhoneira a vapor «Araguary» Commandante José Lamego Costa, segue para o sul.

**Sahidas**

Para o sul.—Os trasportes a vapor «S. José» «Galgo» e «Presidente», condozindo tropa.

Aracajú.—Brigue Hollandez «Perseverance» capitão G. E. Jonker, em lastro.

«Barca Norueguense «Harmonia» capitão N. H. Nel, em lastro.

**A VISO.**

O escriptorio do COMMERCIAL é na rua do Ouvidor canto da do Senado onde se recebem assignaturas, como também os escriptos para serem publicados ou qualquer reclamação.

Todos os escriptos, porém, que tiverem responsabilidade, devem vir competentemente legalizados na forma da lei, sem o que não poderão ser enseridos.

O COMMERCIAL publica-se duas vezes por semana, ás quartas feiras e sabbados, os annuncios ou quaesquer outras publicações serão recebidas até a vespera da sahida do jornal.

Desterro 1.º de Janeiro de 1868.

H. J. S. A. Lobão & Comp.